

RESENHA

A TRADUÇÃO REALIZADA POR JOSÉ BARATA-MOURA DA OBRA *PHÄNOMENOLOGIE DES GEISTES* DE G. W. F. HEGEL: RESENHA DE *FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO* (LISBOA: EDITORA PÁGINA A PÁGINA, 2021).

Antonio F. L. Dias¹

<https://orcid.org/0000-0001-9229-8577>

*“Todas as coisas preclaras são tão difíceis quanto raras,
[o] caminho [para as atingir é] muito árduo, [mas] com
grande trabalho pode ser descoberto [e percorrido]”.*
(Spinoza)²

Sobre o Tradutor José Barata-Moura e o trabalho da tradução

O objetivo dessa resenha é expor sobre o trabalho de tradução, feito por José Barata-Moura³, da obra *Fenomenologia do Espírito*⁴, de G. W. F. Hegel, publicada em Lisboa, pela editora Página a Página, ano 2021, com 633 páginas. Para cumprir a tarefa da tradução J.B-M utilizou como base o texto da edição crítica preparado por Wolfgang Bonsiepen e Reinhard Heede: HEGEL, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes; Gesammelt Werke*, ed. Rheinisch-Westfälische Akademie der Wissenschaften, Hamburg Felix Meiner Verlag, 1980, vol. 9.

Há já uma boa tradução da *FdE* em língua portuguesa, feita pelo professor Paulo Meneses, publicada pela editora Vozes (Petrópolis-RJ), no ano 1992, em 2 vols. Essa tradução foi, posteriormente, minuciosamente cotejada com o original alemão, corrigida, e, por fim, convertida e republicada em um só volume, em 2002. Por que então uma nova tradução? Ora, primeiramente, como diz Meneses (2007), “toda a tradução é por essência imperfeita”. Segundo, porque havia a carência da tradução dessa obra em Portugal.

¹ Doutor em Educação: Filosofia da Educação (UFPEL). Mestre em Filosofia (UFC). Professor na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Piauí, Brasil. Email: antoniodias@cceca.uespi.br. Líder do Grupo de Pesquisas O-CALS (O Capital como Lógica da Sociedade) – UESPI/CNPQ.

² Spinoza é citado pelo Tradutor José Barata-Moura na nota de rodapé 187, p. 84, da *Fenomenologia do Espírito*.

³ Doravante J.B-M, exceto nas citações em que o nome Barata-Moura aparece por extenso entre parênteses.

⁴ Doravante *FdE*.

A *FdE* é uma obra ímpar no campo da Filosofia. E isto tanto pelo seu conteúdo quanto pelo desafiador ato de compreender como Hegel pensa e escreve dialeticamente. Todavia, isto J.B-M compreende muito bem por ser ele um exímio conhecedor das obras e do modo dialético de pensar, seja na versão idealista hegeliana, seja na versão materialista marxiana.

O Tradutor, José Adriano Rodrigues Barata-Moura, nasceu em Lisboa, em 26/06/1948. Concluiu Doutorado em Filosofia na Universidade de Lisboa (UL), onde atuou como Professor Catedrático no Departamento de Filosofia, da Faculdade de Letras, e onde, em 2020, recebeu o título de Professor Emérito. Na esfera política, de 1998 a 2006, foi Reitor da Universidade de Lisboa; é filiado ao Partido Comunista Português (PCP), e já esteve como deputado ao Parlamento Europeu (1993-1994). No âmbito do mundo acadêmico foi membro de instituições científico-filosóficas europeias: Presidente da *Internationale Gesellschaft für Dialektische Philosophie* e Vice-Presidente da *Internationale Gesellschaft Hegel-Marx für Dialektisches Denken*; foi Membro do Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior (1999-2006); e do Conselho Nacional de Educação (2007-2011). Em 2008 ele foi eleito Sócio Efetivo da Academia das Ciências de Lisboa.

Nacional e internacionalmente reconhecido como professor-filósofo-escritor-tradutor, J.B-M publicou: *Kant e o conceito de Filosofia*, Lisboa, Ed. Sampedro, [1972](#); *Totalidade e contradição*, Lisboa, Ed. Horizonte, 1977 (revista, aumentada e republicada em 2012, pela Ed. Avante); *Ideologia e Prática*, Lisboa, Ed. Caminho, 1978; *Episteme. Perspectivas gregas sobre o saber: Heráclito-Platão-Aristóteles*, Lisboa, Ed. Cosmos, [1979](#); *Para uma crítica da “Filosofia dos valores”*, Lisboa, Ed. Horizonte, [1982](#); *Marx e a crítica da “Escola Histórica do Direito”*, Ed. Caminho, 1994; *Materialismo e subjectividade*, Lisboa, Ed. Avante, [1998](#); *Estudos de Filosofia Portuguesa*, Lisboa, Ed. Caminho, [1999](#); *O Outro Kant*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, [2007](#); *Sobre Lênine e a Filosofia: a reivindicação de uma ontologia materialista dialéctica como projecto*, Ed. Avante, Lisboa, [2010](#); *Filosofia em “O Capital”*: uma aproximação, Ed. Avante, Lisboa, 2013; *Marx, Engels e a Crítica do Utopismo*, Ed. Avante, Lisboa, 2015; *Ontologia e Política: estudos em torno de Marx II*, Ed. Avante, Lisboa, 2017; *As Teses das “Teses”*: para um exercício de leitura, Ed. Avante, Lisboa, 2018; *Contexturas e Texturas: sobre o Anti-Duhring de Engels*, Ed. Avante, Lisboa, 2020; *Metafísica e Ontologia*, Ed. Página a página, Lisboa, 2022. Traduziu obras de Karl Marx e Friedrich Engels: *Salário, preço e lucro*, Ed. Avante, Lisboa, 1995; *Para a questão judaica*, Ed. Avante, Lisboa, 1997; *Ludwig Feuerbach e a saída da filosofia alemã clássica*, Ed. Avante, Lisboa, 2016; *O Desenvolvimento do socialismo da utopia à ciência*, Ed. Avante,

Lisboa, 2018. E a excelente tradução de *O Capital*, em 8 tomos, Ed. Avante, Lisboa, 1990-2017.

Sobre o pensamento de Hegel, J.B-M escreveu: 1) *Estudos sobre a Ontologia de Hegel: ser, verdade e contradição*, Lisboa, Avante, 2010; 2) *A “realização da razão” — um programa hegeliano?*, Lisboa, Caminho, 1990. Sobre a temática geral do “idealismo”, J.B-M publicou: 1) *Da representação à “práxis”*, Lisboa, Caminho, 1986; 2) *Ontologias da “práxis”, e idealismos*, Lisboa, Caminho, 1986. No quesito específico tradução de obras hegelianas, J.B-M traduziu e fez publicar, com introdução e notas suas, a obra de Hegel intitulada *Introdução às Lições sobre a História da Filosofia* (Porto, Porto editora, 1995): e agora, em 2021, vem a público sua tradução da *FdE*, objeto deste nosso trabalho.

No campo cultural, nos anos 1970-90, J.B-M compôs e interpretou músicas de caráter político-revolucionário, bem como outras dedicadas ao público infanto-juvenil. A canção *Fungagá da Bicharada*, de 1975 deu nome: 1) a um programa de televisão na Rede Portuguesa de Televisão (RTP); 2) à *Revista Fungagá da Bicharada* (1976); 3) à peça teatral-musical *Fungagá da Bicharada* (2004). A *Obra Infantil Completa de José Barata Moura* foi lançada em 4 CD's, em 2005. Entre as canções de intervenção, destacamos: *Cravo vermelho no peito*, *Aliança e desgoverno*, *A Valsa da burguesia*, *Co-a direita no poder*. Em 2011, as canções de intervenção de J.B-M foram reunidas em 3 CD's duplos e lançados pela Editora Avante.

Sobre o labor de traduzir, este consiste na arte de transladar o texto de um idioma para outro; é tarefa “difícil”, “árdua”, que exige “grande trabalho” — assim anunciamos, com Spinoza, na epígrafe — que o tradutor J.B-M se propôs e bem cumpriu.

Para ser profícuo o produto final de qualquer tradução requer que o Tradutor possua alguns pré-requisitos: excelente capacidade de leitura — isto é: de análise, interpretação, entendimento e explanação — e escrita dos dois idiomas em questão. Igualmente, é importante que o Tradutor: seja capaz de ler a obra no idioma original; que conheça elementos básicos dos contextos históricos e culturais em que a obra a ser traduzida foi concebida e escrita; que seja capaz de perceber as conexões da obra a ser traduzida com outras do mesmo autor, e mesmo de outros pensadores. Ora, todos esses condicionantes são satisfeitos por J.B-M que é um poliglota: conhece bem as línguas portuguesa, alemã, francesa, espanhol; e tem bons domínios do italiano, latim e do grego.

A totalidade dessas qualificações de J.B-M, postas a serviço do trabalho de tradução, permite que ele adentre nos contextos e na semântica do texto de Hegel para expor

significados precisos das ideias, teses e argumentos contidos na *FdE*. Isso pode ser atestado pelo texto terso da tradução, e também pelo conteúdo de centenas de notas explicativas que J.B-M insere no rodapé da obra traduzida. Ademais, J.B-M é um cuidador de palavras e, por extensão, dos conceitos que daí se formam; e nesse sentido seu estilo de construção do texto muito se assemelha ao de Hegel⁵. O leitor que aprecia o zelo e a escrita firmada nas formalidades e elegância da língua portuguesa irá se deliciar com o texto da tradução e das notas.

A tradução de J.B-M é, sim, guiada pelo critério da exegese. O resultado prático da aplicação deste critério é evidenciado pela incontável inserção, entre colchetes, de termos e expressões. Estes cumprem uma dupla finalidade: por um lado, indicam vocábulos e locuções tal como estão grafadas no original da língua alemã; por outro lado, são palavras e expressões em português com o intuito de deixar explícita a mensagem de Hegel. Todavia, o leitor mais apressado — traço característico esse quase inadmissível para quem se propõe a ler e compreender o pensamento hegeliano — pode avaliar que as mais de 700 notas de rodapé, bem como a imensa quantidade de termos e expressões acrescentadas no texto da *FdE*, pelo Tradutor, travam o ritmo da leitura e, por extensão, comprometem o entendimento.

Enfim: J.B-M, para desenvolver o processo da tradução, assume tarefas: 1) fidelidade ao texto original alemão; 2) composição de um texto de anúncio da tradução (BARATA-MOURA, 2021 p. 9-28); 3) insere no rodapé do texto traduzido centenas de notas que explicam e contextualizam o texto da *FdE*; 4) elabora essas notas recorrendo a pensadores que, direta ou indiretamente, explicita ou implicitamente, contribuíram para o desenvolvimento do pensamento de Hegel que culminou no texto final da *FdE*; 5) interpõe, entre as frases do texto da *FdE*, centenas de palavras em português, tendo em vista construir a melhor semântica das ideias no idioma português, o que favorece a obtenção do melhor entendimento pelo leitor.

O Pré-Texto de José Barata-Moura

J.B-M elabora e antepõe ao texto da *FdE* um texto intitulado *Prelúdio breve a uma obra seminal*, p. 9-26 — onde, digamos, ele apresenta as inspirações e transpirações que lhe afetaram e o guiaram na composição da tradução. O texto do *Prelúdio* é um *pré-texto*, e não

⁵ Pude constatar essas características e toda a erudição do Professor J.B-M quando, em 2014, no Departamento de Filosofia, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, passei um período de estudos (Doutorado sanduíche) sob a orientação desse egrégio professor.

exatamente o que se costuma nomear de “chave de leitura”. Nele, o Tradutor antecipa, para o leitor, tanto os elementos fundamentais (princípios, fundamentos, lógica) à compreensão do *contexto* e do *texto* de Hegel na escrita da *FdE*, quanto o seu próprio percurso de elaboração da tradução. No *Prelúdio...*, J.B-M indica as “contingências”; a “situação num projecto”; o (real e possível) “*desígnio*” da *FdE*; as “*fenomenologias*” e suas acepções; as “*re-significações*” que o texto da *FdE* pressupõe e impõe; a indicação do “*sujeito de fenomenalização*”; e, por fim, as “*complexidades, desafios*” envolvidos no processo de escrita da obra *FdE* e da sua tradução.

A *FdE* não é um produto meramente fortuito, *contingencial*, mas é fruto do amadurecimento de um pensamento da lógica dialética **ideialista**⁶, tão necessária à formulação da ciência da fenomenologia do Espírito. A obra foi publicada originariamente em 1807, com o título *System der Wissenschaft. Erster Teil, die Phänomenologie des Geistes* (*Sistema da Ciência. Primeira Parte, Fenomenologia do Espírito*). Mas já a partir da segunda edição prevaleceu apenas a locução final como denominação da obra. J.B-M explica também que o propósito de Hegel era de que a *FdE* fosse tão-somente a parte inicial de um projeto maior: que desse conta de expor o “sistema da lógica” e o “sistema das ciência da Natureza e do Espírito” (BARATA-MOURA, 2021, p. 10-11).

Com seu peculiar zelo pela semântica das palavras, J.B-M expõe breve relato da história dos significados do termo “*fenomenologia*”. Este, no curso do desenvolvimento do pensamento filosófico (de Anaxágoras, Platão, Aristóteles, Bacon, Lambert, “Kant pré-crítico”), significa saber/ciência acerca de “aquilo que se mostra, que aparece” (BARATA-MOURA, 2021, p. 15-16). Já o Kant crítico concebe o fenômeno como evento “empírico” (BARATA-MOURA, 2021, p. 16). Assim também raciocina Reinhold (1802) ao usar o termo fenomenologia “para identificar a ‘filosofia do empírico’” (BARATA-MOURA, 2021, p. 17). Ora, observa J.B-M (2021, p. 17) “[...] em qualquer desses dois enfoques, a dimensão do estático preponderava [...]”, e se ignorava o sentido dinâmico, dialético do termo. O vocábulo fenomenologia, na perspectiva da dinamicidade, encontra amparo nas filosofias idealistas de Fichte e Schelling.

Em meio à polissemia do léxico “fenomenologia”, Hegel entra no debate do sentido do “fenômeno” com a intenção de *re-significá-lo* por meio da sua perspectiva dialética idealista. Desta perspectiva, diz J.B-M (2021, p. 17), Hegel conceitua “a fenomenologia como ‘ciência

⁶ Permitimo-nos o uso desse neologismo. O objetivo é cunhar um termo que expresse a formulação de um pensamento lógico fundado na tese de que a “Ideia” é o real (e concreto), e não um mero pensamento idealizado, no sentido ingênuo e utópico dessa palavra.

[dialética] da experiência da consciência’.” Este é o “*desígnio*” assumido por Hegel: dissertar, dialeticamente, sobre a dialeticidade da ciência cujo objeto é o desenvolvimento dos fenômenos, tal como acontecem no interior da consciência (do ser-que-pensa) no/do Espírito.

A riqueza dos fenômenos do Espírito — que à primeira vista se oferece como caos — é arrumada numa ordem científica que os expõe segundo a sua necessidade, em que os [fenômenos] imperfeitos se dissolvem e transitam a [fenômenos] superiores (os quais são a verdade mais próxima deles). Os [fenômenos do Espírito] encontram a verdade última primeiramente, na religião, e, depois, na ciência, enquanto o resultado do todo. (BARATA-MOURA, 2021, p. 13).

Conforme pensa Hegel, “*O Ser*”, em sua historicidade, e apesar das contingências, é o “*Espírito*” (*Geist*). “Ontologicamente, [o Ser] é aquilo que há. Fenomenologicamente, é aquilo que, na devenida, se des-envolve, e vai assim ganhando estação”. (BARATA-MOURA, 2021, p. 21). Para Hegel, a compreensão do processo fenomenológico do *Ser/Espírito*, requer que se percorra o caminho dialético que supera a imposição das explicações positivistas que, por serem indicadoras de um roteiro monolítico, não permitem a visão da totalidade (BARATA-MOURA, 2021, p. 22). Consoante Hegel, somente o caminho dialético permite a visão para além do imediato empírico e do intelectualismo meramente abstrato, que não percebem a realidade e veracidade da Ideia. Unicamente a trajetória do pensar e viver dialético possibilita a superação das contradições e concilia Ser e Pensar. Contornados e superados esses entraves, está livre o caminho para o entendimento do fenômeno em sua processualidade histórica.

Depois do *Prelúdio* há uma espécie de “índice” (p. 29-31) que precede o texto da *FdE*. E o Tradutor aproveita para anotar que nem todos os tópicos desse “índice” foram identificados por Hegel ao longo do texto da *FdE*. Na continuidade, o clássico “*Prefácio*” (p. 33-113). Aqui, J.B-M recorre a Hegel que explicou a função de um *Prefacio* nos seguintes termos:

No *Prefácio*, o autor explica-se acerca de aquilo que de que, do ponto de vista em que actualmente está, lhe parece ter a filosofia precisão, além disso, [explica-se] acerca da arrogância e do abuso das fórmulas que presentemente degrada a filosofia, e acerca de aquilo que sobretudo nela, e no estudo dela importa. (BARATA-MOURA, 2021, N.T.⁷ 2).

Ditas essas coisas preliminares, passemos, então ao texto traduzido da *FdE*.

⁷ Nota(s) do Tradutor. Essa abreviatura será usada para indicar as notas que J.B-M elaborou e inseriu no rodapé do texto traduzido da *FdE*.

O Texto — da *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel, — traduzido

Faremos, aqui, breves considerações sobre o Texto da *FdE*.

O conteúdo da *FdE* é a descrição dos momentos do movimento dialético da ciência da experiência na consciência que quer compreender o fenômeno, do real a ser apreendido. (HEGEL, 2021, p. 74-76). A escrita dialética de Hegel é sobre a dialeticidade do Ser, do Ser-que-pensa, do fenômeno, do Espírito, do Absoluto; e eis uma desafiadora e complexa missão. O percurso lógico para se compreender a fenomenologia do espírito requer leitura perspicaz e contínua atenção à forma hegeliana de pensar e expressar seus pensamentos. O(A) leitor(a) precisa de muita dedicação para proceder a leitura dessa obra necessária à Filosofia. A tradução por J.B-M tem a capacidade de conduzir o leitor para os caminhos da compreensão.

Para as pessoas amantes do saber, do pensamento filosófico lógico-crítico (dialético), a leitura da obra *FdE* é imprescindível. Dentre os motivos para não se realizar essa leitura está a reclamação de que a escrita hegeliana tem peculiaridades (estilo de escrita que acolhe a validade das contradições, contém expressões linguísticas rebuscadas, demasiadamente abstratas) difíceis de serem decifradas. Sobre isso, J.B-M cita Hegel onde este sentencia:

[A] “inentendibilidade” [dirigida contra a Filosofia, por um lado, deriva da “incapacidade” [ou da] “inabitualidade” [de] “pensar abstractamente” — sem que aos] “pensamentos” se misturem “sentimentos” e “intuições” sensíveis — e, por outro lado, decorre da “impaciência” de querer ter diante de si o *conceito* “no modo da representação”. Por isso, “na nossa consciência habitual”, apenas são considerados entendíveis a máximo aqueles “escritores, pregadores, oradores” que comunicam aos públicos respectivos “coisas que estes já sabem de cor, que para ele são correntes, e que *por si* [mesmas] se *entendem*. (BARATA-MOURA, 2021, N.T. 216).

Em tempos hodiernos, somam-se, a esses reparos de Hegel, outros porquês para a não-leitura: o culto à preguiça intelectual, típica desse nosso tempo de consumismo e pragmatismo que abomina as ideias e as teorias, e cultiva louvores ao mundo material (biofísicoquímico).

Lendo o texto traduzido pode parecer, à primeira vista, que o Tradutor exagerou no trato de minúcias, tais como a semântica de certos vocábulos, contextualizações históricas, relações e comparações de ideias hegeliana com as de outros pensadores. Mas isso, cremos, demonstra a grande erudição de J.B-M e seu cuidado para aproximar o leitor o máximo possível dos significados da *FdE*. O olhar detalhista e crítico sobre cada palavra da tradução proporciona, indubitavelmente, uma versão em língua portuguesa com maior nível de fidelidade ao original.

O Contexto do Texto: dado pelas notas de rodapé que expõem e explicam

A *FdE* é uma texto *composto*, pensado e escrito, em *convívio*, harmonioso e conflituoso, com outros saberes, valores e práticas. Ela é pois, fruto de um con-texto.

“A Fenomenologia do Espírito, enquanto objeto — simultaneamente: produto e produtor — de cultura, enfrenta, e desvenda, um envencilhado mundo de complexidades” (BARATA-MOURA, 2021, p. 24). Essa assertiva de J.B-M justifica a elaboração das 768 notas — contadas a partir do início do *Prefácio* — que ele elabora e insere no rodapé do texto traduzido. Essas notas cumprem o papel de explicar o contextos histórico-filosóficos em que os textos da *FdE* foram elaborados: as relações de distanciamento e aproximação de Hegel com o pensamento filosófico idealista, com pensadores do passados e contemporâneos seus.

Se considerarmos as credenciais do Tradutor para cumprir a tarefa de verter o texto, pode-se garantir que a *FdE* é excelentemente bem traduzida. Mas, em nosso entendimento, nesta resenha, um destaque especial deve ser dado às **notas de rodapé**, tanto pelo aspecto qualitativo quanto pela ótica quantitativa. A leitura da tradução feita por J.B-M muito vale em razão dos conteúdos explicativos contidos nas notas e que permitem uma imersão, em sentido metafórico, no contexto intelectual e cultural em que Hegel concebeu e escreveu a *FdE*. Essa imersão se inicia já no *Prefacio* com 244 notas; da *Introdução* até o capítulo final são mais 521.

Sobre a autoria e os porquês das notas, o próprio J.B-M se manifesta dizendo:

O aparato de notas é da minha responsabilidade. Não constitui um comentário, nem remete para bibliografia secundária.

As anotações procuram tão-só: localizar textos e passagens que Hegel cita ou a que alude; fornecer possibilidades de paralelos com anteriores e posteriores abordagens hegelianas do temário (que por vezes aclaram o sentido na *Fenomenologia* expresso); sugerir eventuais destinatários das críticas, cúmplices das elaborações, enquadramentos da problemática, linhagem dos enfoques; propor, no fundo, pistas para um indispensado trabalho de hermenêutica que se não pode dar por concluído. (BARATA-MOURA, 2021, p. 28).

Os temas e objetivos das notas são plurais. Vejamos alguns exemplos:

O texto-conteúdo da “Ciência da Fenomenologia do Espírito” — “título intermédio” que segundo J.B-M (2021, p. 10) consta apenas na primeira edição — inicia-se, propriamente, com um texto de introdução. O título “*Introdução*”, porém, passa a figurar apenas a partir da segunda edição da obra. Quanto ao clássico e longo *Prefácio*, este não foi escrito para compor a obra desde sua primeira edição, mas foi elaborado como um texto de apresentação da *FdE* e enviado para uma revista da cidade de Jena. (N.T. 2).

O Tradutor J.B-M também inseriu algumas notas de rodapé para informar que, nas edições da *FdE* publicadas em 1831 e 1832, aparecem alguns pré-títulos que depois desaparecem. Nas edições supracitadas, “*A Consciência*” é um título prévio do capítulo I: *A Certeza sensível: ou o isto e o visar*” (N.T. 266); a “*Autoconsciência*” é pré-título do capítulo IV: *A Verdade da certeza de si próprio* (N.T. 323); “*Razão*” era o título que antecedia o capítulo V: *Certeza e verdade da Razão* (N.T. 357).

Sobre como a dialética em geral é tratada por outros autores, em notas (190-192) com longos textos, J.B-M elenca algumas “fórmulas trinitárias” da dialética para indicar as críticas de Hegel a Platão, Kant, e aos seus contemporâneos Fichte e Schelling. Há ainda diversas notas sobre a dialética, no sentido que esta é compreendida e assumida por Hegel. Essas notas favorecem um melhor entendimento da dialética na perspectiva ontoepistemológica, ou seja, da dialética como movimento do real e como método para se conhecer aquilo que é, o real. Da dialética como método, veja-se a N.T. 254; da dialética como movimento ontológico, confira a N.T. 277. Em alguns pontos, os elementos ontológicos e epistemológicos aparecem conjugados; este é o caso da nota 580 onde J.B-M observa que Hegel usou, por vezes, “o triunfismo teológico da religião cristã [Deus, Jesus Cristo e Espírito Santo] [...] como dispositivo para a esquematização de períodos históricos ou de figuras fenomenológicas do Espírito”. (BARATA-MOURA, 2021, N.T. 580).

As notas 316 e 317 possuem extensos texto nos quais J.B-M aproveita o ensejo do texto hegeliano para resgatar, e pôr em destaque, a clássica e controversa problemática filosófica, essencial para o desenvolvimento do pensamento filosófico-dialético, qual seja: a questão do “Ser” ou o do “Não-Ser”. Outras tradicionais questões filosóficas, tais como o problema do “bem e do mal”, da “virtude” e da “justiça, impelem J.B-M a elaborar uma das notas mais extensas, a 611, para contextualizar o texto hegeliano da *FdE* em relação ao histórico debate filosófico sobre tais temas, desde Sócrates e Platão passando por Agostinho e Tomás de Aquino.

Dezenas de notas elaboradas expressam informações que alargam a compreensão de importantes conceitos no interior do sistema hegeliano; é o caso do conceito de Espírito. Sobre o Espírito (Capítulo VI) — termo que requer bastante atenção por estar contido já no título da *FdE*, Hegel afirma: “a razão é Espírito” (HEGEL, 2021, p. 361), e não apenas “luz” por meio da qual se ilumina o mundo natural, como queriam os iluministas-empiristas. Nas suas *Vorlesungen über die Philosophie Geschichte* (*Lições sobre a Filosofia da História*),

Hegel assinalou que “a razão” é o “conteúdo de aquilo que é recto e bom” (BARATA-MOURA, 2021, N.T. 496). O Espírito é constituído dialeticamente.

O Espírito é *consciência* em geral, que compreende nela [mesma]: certeza sensível, percepção, e entendimento, na medida em que o [Espírito], na análise de si próprio, retém firmemente o momento de que ele é, para si [mesmo], *objectiva realidade* [efectiva] *que-é*, e abstrai de que esta realidade [efectiva que-é] é o seu ser-para-si próprio. Se, pelo contrário, o [Espírito] retiver firmemente o outro momento da análise — [o momento] de que o objeto dele é o *ser-para-si* dele —, o [Espírito] é, então, autoconsciência. (HEGEL, 2021, p. 362-363).

O tema da religião comparece em diversas notas de J.B-M. Muitas destas evidenciam posições de Hegel sobre a religião persa (N.T. 670), indiana (N.T. 671), egípcia (N.T. 672, 673 e 676) e islâmica (N.T. 678). Acerca da religião cristã, Hegel (2021, p. 583) a descreve como a “Religião revelada” — título esse, por sinal idêntico ao nome de uma seção das *Lições sobre a Filosofia da Religião*. E outras fontes que Hegel faz uso, segundo J.B-M, são de autores de textos da *Bíblia Sagrada*, caso do evangelista João (N.T. 732, 735-738, 744 e 745) e do apóstolo Paulo de Tarso (N.T. 751, 752 e 756).

Alguns aspectos da relação fé e/ou razão, e no que isso se correlaciona com a problemática da alienação, eis os conteúdos da sequência de N.T. 535-538. Para uma apreciação crítica do dogmatismo e fanatismo causados pela fé; mais, igualmente, para um olhar crítico sobre o ateísmo e o materialismo que se proclamam como produtos das “luzes” da razão natural, em oposição à luz divina, J.B-M escreve diversas notas de rodapé para identificar filósofos que, direta ou indiretamente, estavam na mente ou no horizonte do intelecto hegeliano, ou simplesmente fizeram parte do contexto histórico-filosófico em que Hegel concebeu e escreveu sua *FdE*. É o caso, a título de exemplo, das notas sobre as ideias de D’Holbach (N.T. 586, 587, 593, 596, 600, 601, 611, 615-618, 621, 622 e 624); sobre Diderot (N.T. 590 e 596); e sobre Voltaire (N.T. 596, 607, 620, 622 e 624).

Outras N.T. (592, 595, 604, 707 e 608) versam sobre essa mesma problemática do conflito razão e/ou fé. O conteúdo dessas notas fazem referências a textos onde o próprio Hegel discutiu sobre o assunto. A título de exemplo, a nota 599, na qual J.B-M cita um texto de Hegel de 1802, *Glauben und Wissen (Crença e conhecimento)*, em que ele critica o fato de “o dogmatismo da *Ilustrice* [der Dogmatismus der Aufklärer], [ser] incapaz de conceber — tal como a trivial superstição religiosa — o Espírito na sua concreta dialeticidade devenida [...]”. (BARATA-MOURA, 2021, N.T. 451).

Essas notas que retratam conflitos e incompreensões sobre razão e fé são importantes se considerarmos que Hegel conviveu com os fantasmas das trevas gerados pela fé cega do

período medieval, e, também, com um turbilhão de ideias advindas do pensamento que, supostamente, a tudo iluminava com a luz da razão. Ora, seria conveniente, para Hegel, que ele simplesmente aderisse aos encantos dos discursos da suposta razão iluminista. Contudo, Hegel, desconfia do poder dessa razão desespirtualizada e sentencia: “as [orientações das luzes] não chegaram ao conceito da metafísica cartesiana de que, *em si* [mesmos] *ser e pensar* são o mesmo [...]”. (HEGEL, 2021, p. 473; BARATA-MOURA, 2021, N.T. 630).

Um parcela importante das notas de J.B-M cumprem a tarefa de favorecer a evidenciação objetiva do sentido de palavras e expressões necessárias à constituição e explicação dos conceitos indispensáveis ao entendimento da *FdE* e da obra hegeliana em geral. Assim, sobre a ideia de “*força*”, a N.T. 294; sobre o “*fenômeno*” como “mediador” do entendimento: N.T. 296; e sobre o próprio significado do “*fenômeno*”, veja a N.T. 303.

O tema da cultura geral e da “arte” são objetos de diversas notas de J.B-M. Sobre a cultural geral, algumas notas de J.B-M revelam que ideias de cunho mitológico e filosófico dos clássicos gregos antigos são constantes fontes de admiração por parte de Hegel. Nesse sentido são as N.T. 499, 510, 513, 521, 522 3 524 (sobre Sófocles), 501 e 508 (sobre Cícero), 512 (sobre Heráclito), 512 e 523 (sobre Ésquilo) e 514 (sobre Homero e Hesíodo). Nas seções da *FdE* em que Hegel trata sobre a “*obra de arte*”, o que ele tem como principal modelo de inspiração — a cultura grega antiga — é citada nas N.T. 682-685. De modo específico, no tópico sobre “*a obra-de-arte abstracta*” (p. 554), o Tradutor compôs notas para mostrar que a principal referência de Hegel é a cultura da Grécia antiga: as estruturas prediais e esculturais (N.T. 682): o intelecto grego (N.T. 684) e em especial o intelecto filosófico (de Sócrates e Platão, N.T. 690 e 691); a poesia (N.T. 686-689). Outrossim, Hegel se vale do contexto cultural grego antigo para discorrer sobre subseção a “*obra-de-arte viva*” (p. 564), que diz respeito aos cantos, cultos e festas. Aí, J.B-M aponta algumas prováveis fontes de inspiração do pensamento hegeliano (N.T. 701 e 702). E, por fim, no item “*obra-de-arte espiritual*” (p. 568) as notas de J.B-M aludem às influências da arte literária e mítica de Homero e Hesíodo (N.T. 703-705), à dramaturgia das tragédias de Sófocles (N.T. 710 e 713) e Ésquilo (N.T. 712, 714, 715 e 718); e, por fim, avança para homenagear o renascentista-moderno William Shakespeare (N.T. 715-717 e 719), além de outros artistas.

São bastante oportunas as notas em que J.B-M formula para mostrar as relações de (des)conexões do texto hegeliano com outros pensadores. As notas revelam que, com frequência, Hegel se coloca em diálogo com outros autores que, todavia, quase sempre não são citados — alguns, provavelmente, de modo intencional — explicitamente como fontes ou

referências. Veja-se sobre o teor da nota 285 onde J.B-M assegura que Hegel “invoca”, recorrentemente, Spinoza. Comumente, Hegel alude genericamente outros pensadores, como o faz ao dizer sobre o pensar como fonte do Ser (Descartes), ou quando discorre sobre o pensar como derivação do “fenômeno” (Locke) (N.T. 288). Ou ainda quando menciona as teses do antropólogo e zoólogo alemão Johann F. Blumenbach (N.T. 378).

Apesar de não citado diretamente no corpo do texto da *FdE*⁸, Kant é, provavelmente, o autor a quem Hegel mais se contrapõe⁹ nos diálogos e debates intelectuais que causaram impactes no texto da *FdE*. Talvez por isso mesmo o leitor perceberá que muitas notas de J.B-M tentam, digamos, reparar a omissão de Hegel, pondo ideias de Kant, com as quais Hegel dialogou, nas notas de rodapé. Kant aparece citado nas N.T. 236, 379, 474, 477, 479, 481, 482, 485...). Kant é também o contraponto preferencial de Hegel quando este discute sobre a “*mundividência moral*” (p. 488-498¹⁰). Prova disso é o fato de que, nessa parte do texto de Hegel, Kant é o único autor citado nas N.T. 646 a 654.

Além de Kant, Fichte e Schelling, autores do idealismo alemão, estão fortemente presentes na mente idealista de Hegel. Para mostrar a veracidade disso, J.B-M compõe algumas notas (396, 400, 401, 406 e 407) para demonstrar que Hegel está a dialogar com Schelling, ainda que implicitamente, quando, por exemplo, discorre sobre “[...] as propriedades orgânicas simples: [...] *sensibilidade, irritabilidade e reprodução*”. (HEGEL, 2021, p. 252).

Muito interessante são as notas indicativas do fato de que Hegel retomou, na *FdE*, temáticas que ele havia tratado em obras pretéritas. A N.T. 445 aponta que o conceito de “*Razão*”, que aparece na *FdE*, já havia surgido em 1801, em um (con)texto no qual Hegel escreveu sobre a *Diferença entre os sistemas filosóficos de Fichte e Schelling*. Em sentido contrário, J.B-M sugere que a *FdE* é fonte primária de conceitos e argumentos que Hegel seguiu discutindo após 1807. As N.T de número 447-449 e 452 são exemplos de textos que destacam o fato de Hegel ter utilizado, nos *Grundlinien der Philosophie des Rechts* (*Princípios da Filosofia do Direito*), fundamentos e argumentos esboçado ou desenvolvidos na *FdE*.

⁸ Em verdade, para ser mais justo, Hegel não cita, explicitamente, nenhum pensador no texto da *FdE*.

⁹ J.B-M assinala que a “apreciação hegeliana dos achados de Kant e Fichte não era muito lisonjeira” (N.T 369).

¹⁰ No “índice Geral” da *FdE* a página final da subseção “*mundividência moral*” é 498; mas está, erroneamente, indicada como sendo a página 598.

Ainda seguindo essa linha de raciocínio, a N.T 389 assinala que a denotação de aquilo que é o “orgânico” reaparece na *Enzyklopädie der Philosophischen Wissenschaften* (*Enciclopédia das Ciências Filosóficas*). Já a N.T. 395 indica que a discussão sobre o conceito “essência” foi exposta, depois, por Hegel, no texto *Philosophische Enzyklopädie für die Oberklasse*, de 1808. J.B-M salienta na nota 421 que a discussão sobre a “consciência entre o Espírito universal e a singularidade dela (ou a consciência sensível) [...]” (HEGEL, 2021, p. 271), foi repostada por Hegel na *Enciclopédia...* e também como conteúdo das *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte* (*Lições sobre a Filosofia da História*).

Temas candentes, porque conflituosos, de traços sociopolíticos, por mais estranhos que possam parecer aos materialistas não leitores de Hegel, aludidos no corpo teórico da *FdE*, são lembrados nas N.T., sempre aproveitando o ensejo proporcionada pelo texto hegeliano. De fato, na *FdE*, Hegel abriu espaços para suscitar e sugerir discussões sobre os princípios, a existência e as consequências da razão, das virtudes e das leis, nas sociedades civil e política. As ocasiões em que Hegel abordou esses assuntos foram usadas por J. B-M para fazer anotações no rodapé que versam sobre as (des)conexões intelectuais críticas que Hegel estabeleceu com pensadores que dissertaram sobre os supracitados problemas sociopolíticos.

Por exemplo: a N.T 332 afirma que Hegel assevera, na *Enciclopédia...*, que, no plano ontológico e político, a conquista da “liberdade” requer “lutas”. O conceito de “individualidade”, quer dizer, da condição em que o indivíduo existe como ser privado cindido da socialidade, cisão essa amparada nos *Droits de l'homme et du citoyen* (N.T. 469). Em duas longas notas de rodapé (486 e 487), J.B-M anota sobre como o litígio sobre a “propriedade privada” foi tratado por T. More, G. Babeuf, J-J. Rousseau e outros. Temas concernentes à questão do Estado, do Direito e da liberdade da pessoa são objetos das N.T. 528-530. Diversas outras notas anunciam que, relativamente à essas e a outras questões sociais e políticas, Hegel dialogou com C. Lafayette e E. Burke (N.T. 314, 458), P. H. D’Holbach e Voltaire (N.T. 460), T. Paine (N.T. 458 e 460), J-J. Rousseau e T. Hobbes (N.T. 462), C-L. Montesquieu (N.T. 463), N. Machiavelli (N.T. 464), D. Diderot (N.T. 471) e outros.

Outras N.T. de cunho político e jurídico são as de número 554 e 555, que tratam sobre o poder do Soberano (Monarca) e/ou o poder soberano do povo, acerca da representação política como modelo de prática democrática. Há também uma oportunidade no texto da *FdE* em que Hegel menciona o princípio da “[...] vontade de todos os singulares [...]”. (HEGEL, 2021, p. 478). Essa ocasião é aproveitada por J.B-M na nota 634. Nesta nota, J.B-M afirma

que essa temática já tinha sido objeto de exposição por parte de Hegel nos cursos de Jena, e consta no texto intitulado *Naturphilosophie und Philosophie des Geistes*, escrito em 1805-1806, antes da *FdE*. Enfim, J.B-M identifica a discussão do tema “vontade de todos” com a questão rousseauliana da “vontade geral [de Todos]” que almeja o “interesse comum”. Não obstante esses flertes de Hegel, digamos, com a democracia de inspiração rousseauliana, J.B-M ilustra, com algumas notas, que Hegel pareceu sentir-se mais atraído pelas ideias de “restauração” (de retorno à Monarquia), promovidas por Napoleão, em França, sobretudo quando critica o “terror” causado pela *Revolução de 1789* (N.T. 641) e a “tirania de Robespierre” (N.T 643).

Uma curiosa e importante observação é o fato de que, o texto das N.T., mas também, com muita constância, no próprio texto da *FdE*, o Tradutor J.B-M inseriu centenas de palavras ou expressões para tornar mais límpido o sentido do texto hegeliano. Vejamos, a título de exemplo, as notas de J.B-M referentes ao trecho da *FdE* em que Hegel disserta sobre a “dialética do Senhor e do Escravo”. Essa famosa passagem é formada por 7 parágrafos, e consta nas páginas 199 a 203. Nesses parágrafos do texto de Hegel, J.B-M intercala 120 termos em português, tudo isso para dar à leitura maior fluidez e compreensibilidade. Outros conteúdos curiosos são aqueles de notas cuja função é oferecer detalhes para o leitor que deseja fazer uma leitura hermenêutica da *FdE*. Por fim, outra curiosidade são as N.T. 420, 412, 415, 416, 422, 427 e 430, nas quais J.B-M destaca palavras e/ou locuções que são acrescentadas e/ou suprimidas quando se coteja o texto da primeira edição da *FdE* com o da segunda.

Notas finais: sobre Tradução e as “Notas” de José Barata-Moura

Entendemos que a tradução da *FdE*, realizado por de J.B-M, põe em nossas mãos o produto de um longo¹¹, árduo e solitário trabalho. A tradução feita por J.B-M é, de fato, um trabalho monográfico também no sentido que B-M recorre a si mesmo como filósofo, como poliglota, como leitor e profundo conhecedor das obras de Hegel e do idealismo alemão. Mas que uma obra traduzida para a língua portuguesa, o que o leitor terá em mãos é o produto de uma tarefa difícil, sobretudo quando se trata de uma obra de conteúdo idealista e metas

¹¹ Lembro de o Professor Barata-Moura referir-se brevemente à assunção desta tarefa ainda em 2014, durante as suas aulas em uma disciplina sobre Hegel.

idealistas. O que a tradução e notas de J.B-M nos propicia, enfim, é o acesso facilitado para o entendimento da *FdE*, essa obra de inestimável valor para o voo do pensamento filosófico.

Precisamos indicar, contudo, um pequeno equívoco que, provavelmente, acreditamos, foi causado por quem fez a digitação ou a diagramação do livro¹². O conteúdo do Capítulo “V: Certeza e Verdade da Razão” é iniciado na página 225; e, conforme o *Sumário* finaliza na página 360. Isso, efetivamente, ocorre. O erro está no fato de, a partir da página 235 até a 360, o título impresso no cabeçalho das páginas ímpares, deixar de ser o correto, isto é, estranhamente, passa a constar o título do Capítulo IV (A Verdade da Certeza de Si Próprio).

Para alguns leitores, talvez a grande incidência de N.T. sejam um estorvo, um artifício cansativo que retira o leitor do fluxo da leitura do texto da *FdE*. Bem ao contrário disso acontece. Em verdade, tais notas enriquecem a compreensão da obra hegeliana na medida em que introjeta maior e melhor entendimento do contexto geral (histórico, filosófico e cultural) e das peculiaridades de significados de palavras e teses que, por vezes, Hegel, intencionalmente ou não, deixou de explicitar no seu texto. Por mais paradoxal que possa parecer, as N.T. visam favorecer, no leitor, a constituição da “paciência do conceito”.

As notas do Tradutor J.B-M indicam a conotação de vocábulos, expressões, teses em relação ao contexto histórico, sobretudo o contexto filosófico de pensadores outros, notadamente os de vinculação com a perspectiva Idealista. Também indicam vínculos do texto da *FdE* com outros escritos de Hegel, assim como destacam diferenças (acréscimos, exclusões) entre o texto da primeira e da segunda edição da *Fenomenologia*. Ademais, as notas também indicam fontes que J.B-M utilizou na tarefa de tradução, tendo em vista melhor contextualizar e explicitar o sentido do texto hegeliano.

Algumas notas de J.B-M, que colocam em destaque eventuais discrepâncias, e mesmo, contradições entre textos do próprio Hegel, não são, de modo algum, tentativas de expor fragilidades do pensamento hegeliano. Primeiro: porque, para quem segue o método dialético, caso de Hegel, a contradição não é prova de caos mas, antes, a evidenciação da vivacidade do movimento do real, da história. Segundo: porque o propósito das notas que apontam essas diferenças é indicar, ao leitor o pensamento vivo e em movimento de Hegel.

Sobre as notas, há algumas curiosidades que aqui destacamos. Por exemplo: há poucas sequências de páginas sem notas: 336-341, 345-348, 502- 511; e alguns intervalos de

¹² Tenho essa crença muito em função do fato de que o professor J.B-M é pouco afeito ao uso de instrumentos e recursos tecnológicos. Em 2013, quando busquei contato para fazer meu Doutorado Sanduíche, em Lisboa, fui informado, pela Unidade de Relações Internacionais, que o referido Professor preferia não utilizar e-mail.

páginas com poucas notas, caso da sequências 212-220, em que há semente uma nota de rodapé. Bem ao contrário disso é o conteúdo das páginas 86 a 89, 197 a 112, quase todo ele formado por textos de notas de rodapé. A partir dos capítulos VI (O Espírito), VII (A Religião) e VIII (O Saber absoluto) a frequência de notas diminui. No Capítulo final (VIII – O Saber Absoluto) são apenas 10 (notas 758 a 768). Neste caso, a pouca quantidade se explica porque trata-se do momento do arremate, da síntese final da obra. E, então, J. B-M, sabiamente, deixa mesmo que Hegel conclua a escrita com poucas interrupções.

Referências bibliográficas

BARATA-MOURA, José. Prelúdio breve a uma obra seminal. In: HEGEL. George W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Lisboa: Página a página, 2021.

HEGEL. G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução e notas de José Barata-Moura. Lisboa: Página a página, 2021.

MENESES, Paulo. *Revista do Instituto Humanitas Online*, ed. 217, abr. 2007. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/881-paulo-gaspar-de-meneses>>. Acesso em: 27 set. 2022.